

## Índios do Xingu filmam o Quarup dos mortos em troca de mercadorias



Aritana à frente de sua tribo, durante o ritual do Quarup, comanda a nova relação com os brancos, a cultura em troca de tecnologia para o Xingu que começa a se seduzir pelo consumo.

**FERNANDO GABEIRA**  
Enviado especial ao Alto Xingu

Pela primeira vez na história, em troca de geradores e barcos a motor, os índios do Alto Xingu encenaram uma cerimônia do Quarup, ritual da lembrança dos mortos, para ser mostrada no filme do mesmo nome, baseado no romance de Antonio Callado e dirigido por Ruy Guerra. O filme é um projeto de US\$ 5 milhões (cerca de Cz\$ 1,7 bilhão) que revolucionou o Parque do Xingu, criado pelos irmãos Villas Boas, em 61, dividindo as tribos entre as que aceitam entrar no mundo dos espetáculos para obter melhores recursos técnicos e as que defendem o isolamento como forma de sobrevivência cultural.

O Quarup deste ano foi celebrado na aldeia dos Iaulapatis, distante três quilômetros do lugar onde a equipe do filme instalou seu acampamento de 50 barracas e mantém uma ponte aérea com a cidade de Canarana, no Mato Grosso, de onde vem parte dos alimentos e objetos

que se consomem. Como não houve mortos para se lembrar, este ano, os índios fizeram um Quarup em homenagem ao avô do cacique Aritana mais duas pessoas cujo desaparecimento já foi celebrado. De um modo geral, a tribo que comemora dá os alimentos, bolo de mandioca e peixe, mas dessa vez quem pagou tudo foi a produção do filme.

Apesar de ser a cerimônia cultural de mais peso, o Quarup está perdendo terreno entre as gerações mais jovens do Xingu, já influenciadas pelos brancos. A cerimônia começou na quinta-feira, quando os índios foram ao mato cortar os troncos que simbolizam os mortos. Os troncos foram pintados pacientemente diante das câmeras e de um pequeno batalhão de fotógrafos de todo mundo que acompanha a festa.

Uma inglesa que vive desde 1972 com os Iaulapatis, Sandra Wellington, manifestou uma certa apreensão com a presença da equipe do filme no Xingu. Ela teme que as novas gerações se afastem ainda

mais da tradição, sobretudo agora que viram o Quarup ser feito apenas para as câmeras.

A história da implantação do projeto de Ruy Guerra na selva foi tão rocambolesca como a aventura de Werner Herzog para filmar o Fritzcaraldo. A diferença é que a equipe brasileira procurou, desde o princípio, não explorar os índios, o que não impediu que eclodissem choques culturais. Os Tições, uma tribo também do Alto Xingu, chegaram a cercar os produtores armados de arco e flecha. Queriam um caminhão como pagamento pelo dia de trabalho nas filmagens. Como não houve um contrato firmado com os índios, muitos acharam que era possível cobrar diretamente em equipamentos. Hoje, os índios que trabalham no filme ganham mais ou menos Cz\$ 1 mil por dia. Deixaram de pescar e caçar e por causa disso são forçados a comer no acampamento, assim como alguns de seus familiares.

Continua na página seguinte



Turista inglesa documenta o Quarup

### Aritana deixa a sua cultura correr perigo

Do enviado especial

Aritana é um grande estadista. Quem descreve assim o cacique dos Iaulapatis é o ator Roberto Bonfim, que está no Xingu há três meses. Na realidade, Aritana é apenas o chefe indígena para efeito externo, uma espécie de ministro das Relações Exteriores, que trata com os brancos e as outras tribos. Suas qualidades são muitas e vão desde o domínio de outras línguas até a condição de imbatível na Uka-Uka, a luta mais comum no Xingu.

Na casa de Aritana, vive, junto com suas duas mulheres, uma amiga inglesa, Sandra Wellington que era correspondente da rede BBC, de Londres, e decidiu se fixar no Xingu. Graças a ela, Aritana ganhou um equipamento para captar a energia do sol e com ele faz funcionar dois rádios que foram dados pela Philips, da Holanda.

Como os outros índios do Xingu, Aritana sabe que o contato com brancos que não são brasileiros tem sido mais interessante. Ele recebeu o cantor Sting em sua aldeia e frequentemente viaja para discutir as questões ligadas ao seu povo. O pai de Aritana, Paru, é o verdadeiro chefe e o pagé Sapaim também partilha de uma cota do poder. Se Aritana se instalar no acampamento do filme "Quarup" com geradores e mais barcos a motor é possível que amplie sua autoridade. As vezes, parece que intui a delicadeza do caminho que está trilhando ao aceitar colocar sua cultura no mundo do espetáculo. Os índios que meio escondidos chegam ao acampamento no fim da tarde querendo trocar mercadorias são uma prova que existe um impulso para o consumo que dificilmente será contido. Aí Aritana terá de enfrentar uma batalha mais complexa do que o Uka-Uka, a alegre luta das festas tribais. (FG)



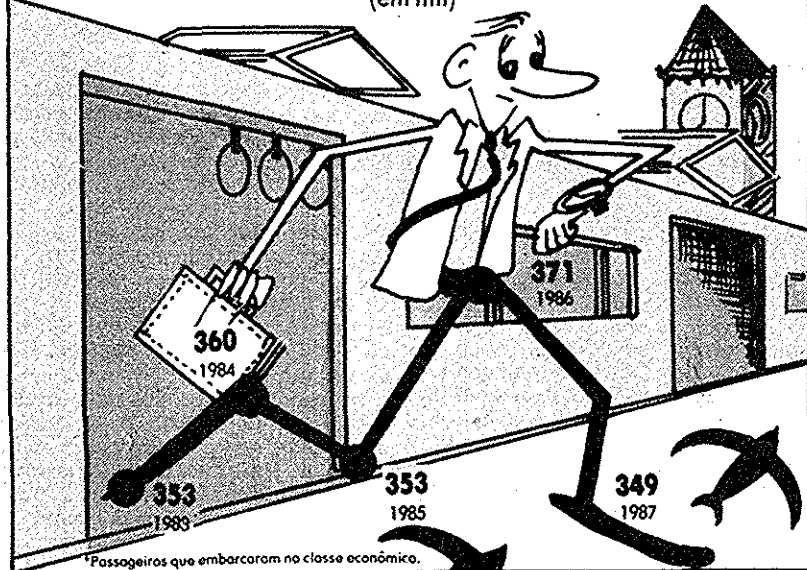
Os aviões trazem para o menino do Alto Xingu o fascínio de um outro mundo

### Indifolha

Editoria de Arte

#### CAI Nº DE PASSAGEIROS DE TREM EM CAMPINAS\*

(em mil)



\*Passageiros que embarcaram no classe econômico.

Fonte: Ferrovias Paulista S.A. (Fepasa) de Campinas.

## Cineasta leva alta tecnologia para a selva

Do enviado especial

Sem o computador que manipula todo o tempo, o cineasta Ruy Guerra estaria perdido no Xingu. É que, além da aventura de transportar o romance de Callado para o cinema, teve de enfrentar outra tarefa de peso: montar uma cidade em plena selva. Além de cuidar dos aspectos estéticos do filme, Ruy teve que se preocupar com detalhes como determinar, com a ajuda da informática, quem ia dormir onde.

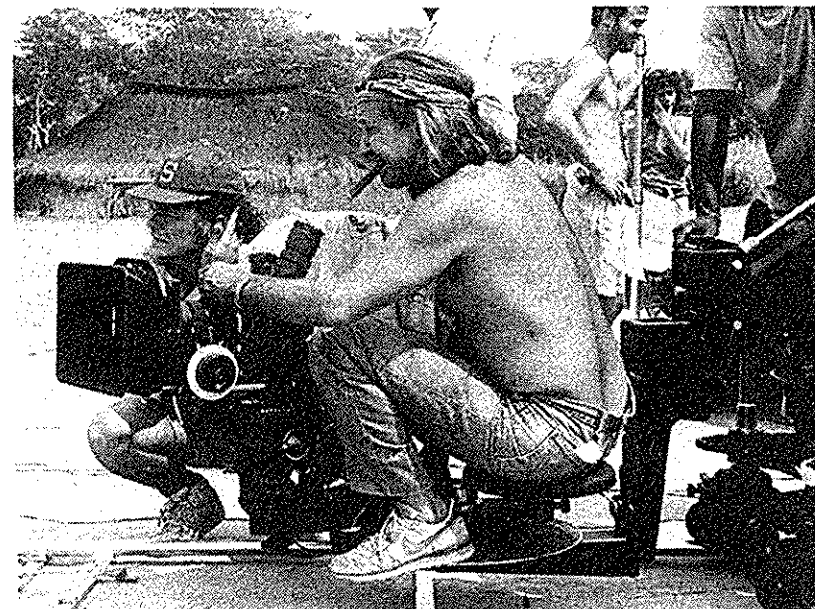
A implantação do projeto de Ruy Guerra no Xingu dependeu de sua empresa de produções mas contou também com um forte grupo, da Cotia Trading (empresa do grupo Cooperativa Agrícola de Cotia), que está colocando os dólares.

O encontro da produção do filme, com as tribos foi um encontro

também entre o mundo mágico e o tecnológico. Foi instalado no Xingu o que há de moderno, em termos das possibilidades brasileiras. Por exemplo, foi importada uma grua computadorizada, que deu problemas, e técnicos estrangeiros foram chamados às pressas.

A produção do "Quarup" ficou tão emocionada com a região que decidiu continuar o trabalho na área, mesmo depois do filme concluído. A idéia é construir uma Fundação Quarup para ajudar os índios.

O próprio movimento do filme já significou também uma alteração no cotidiano das tribos. Dois aviões chegando diariamente, um rádio conectando Posto Leonardo com o resto do mundo, carafas (assim são chamados os brancos) querendo comprar lembranças do lugar — são sinais dos novos tempos. (FG)



O cineasta Ruy Guerra levou equipamento sofisticado para filmar "Quarup"



# Filmagem mudou hábito dos índios

Fotos Fernando Gabeira

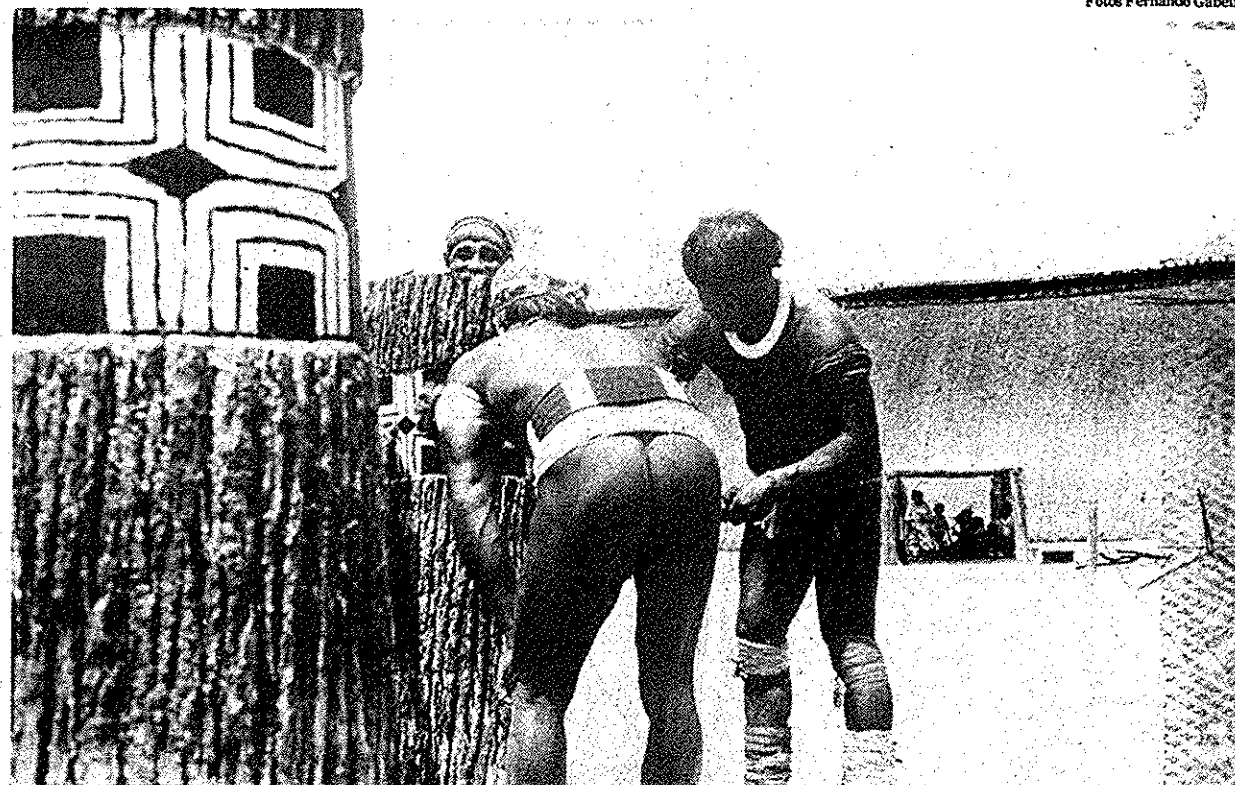
Do enviado especial

O choque cultural ocasionado pelas filmagens de "Quarup", no Alto Xingu, aconteceu também do lado branco. Os índios são os responsáveis por trazer de balsa, numa viagem de dezoito horas pelo Xingu e Tatuairi, todo o material pesado. Muitas vezes, quando os rios estavam com muito peixe, eles deixaram a viagem de lado e resolveram pescar. Só foram encontrados com a ajuda de um dos aviões que diariamente ligam Porto Leonardo, lugar onde está o acampamento, com a cidade de Canarana.

Cerca de 800 índios de três tribos diferentes vivem na área onde o filme está sendo rodado. Seus hábitos mudaram radicalmente. Uma nova palavra foi introduzida no vocabulário da região: "cambirar". Não se sabe sua origem exata, mas deve ter surgido da expressão "cambiar". Os índios querem trocar seus colares, redes e papagaios e buscam, sobretudo, pilhas, óculos e relógios. Durante a tarde, elas entram no acampamento e ficam até de noite "cambirando".

As filmagens de "Quarup" devem terminar no dia 5 de outubro. Depois que os brancos partirem, é muito possível que toda a tribo se mude para as barracas de tergal montadas para o filme e abandone suas malocas. Eles dependem da ajuda de um posto da Funai (Fundação Nacional do Índio) que está praticamente abandonado. Durante muito tempo, a enfermaria da produção, construída para atender aos 150 técnicos e atores, cuidou dos doentes da tribo, dando uma ajuda ao pagé Sapaim, o mesmo que foi ao Rio fazer a pagelança para salvar o naturalista Augusto Ruschi. De imediato, a chegada dos brancos contribuiu para aumentar os problemas de saúde, sobretudo no caso dos dentes. Com o aumento do consumo de açúcar, os dentes dos índios do Xingu estão sofrendo um verdadeiro processo de devastação.

No momento, os índios do Xingu estão precisando deter o mínimo de controle sobre as nascentes dos rios que atravessam o Parque do Xingu, sobretudo o Koluene e o 7 de Setembro. As nascentes estão sob domínio de grandes fazendeiros que além de aumentar seu latifúndio na área, podem poluir propositalmente os rios, reduzindo as chances de sobrevivência dos índios. (FG)



Depois de retirar o tronco do mato, os índios pintam sua superfície; no final da cerimônia, o tronco é lançado ao rio



Os Kuikurus vieram de longe para o Quarup e se instalaram no meio da aldeia, enquanto esperavam a luta Uka Uka